



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i2.24677>

# ENSINO DO ORAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: AS RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA EM LIVROS DIDÁTICOS DE ALFABETIZAÇÃO

ESTEPHANE PRISCILLA DOS SANTOS MENDES\*

 <https://orcid.org/0000-0002-8593-5782>

ANA CLAUDIA RODRIGUES GONÇALVES PESSOA (UFPE)\*\*

 <https://orcid.org/0000-0002-7791-3209>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar atividades de ensino de oralidade em coleção didática destinada aos anos iniciais do ensino fundamental, mais precisamente ao ciclo de alfabetização, tomando como foco a dimensão relações entre fala e escrita. Compreendemos que para que o ensino de oralidade seja efetivado, é necessário ter clareza em relação as dimensões ensináveis desse eixo. Sendo assim, é necessário observar os instrumentos que, no dia a dia, mediam a ação pedagógica dos professores. Um dos caminhos possíveis é analisar os materiais que traduzem as prescrições curriculares em propostas concretas de atividades. Nesse contexto, os livros didáticos amplamente utilizados como principal recurso pedagógico por muitos professores, desempenham um papel central na mediação dos conteúdos, o que reforça a relevância desta pesquisa. Nossos resultados apontam que ainda é comum, pelo menos na coleção analisada, que as atividades de uso do oral informal sejam aquelas mais priorizadas, em detrimento do trabalho com outras dimensões que exigem maior planejamento e intencionalidade. No que se refere a dimensão “Relações entre Fala e Escrita” foram encontradas poucas atividades ao longo dos três volumes analisados, e essas atividades em muitas situações pouco contribuem com o desenvolvimento do ensino de oralidade e acabam por reforçar a dicotomização entre fala e escrita, conforme apontado por autores como Marcuschi; Dionísio (2007); Marcuschi (2010); Souza; Leal (2023).

**Palavras-chave:** Oralidade. Alfabetização. Relações entre fala e escrita. Livros didáticos.

---

\* Doutora em Educação - Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Rede Municipal de Ensino de Caruaru/PE. Email: [estephane92@hotmail.com](mailto:estephane92@hotmail.com)

\*\* Doutora em Educação - Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Federal de Pernambuco (Centro de Educação). Email: [aclaudiapessoa@gmail.com](mailto:aclaudiapessoa@gmail.com)

## ABSTRACT

### TEACHING ORAL LANGUAGE IN ELEMENTARY SCHOOL: THE RELATIONSHIP BETWEEN SPEECH AND WRITING IN LITERACY TEXTBOOKS

This study aims to analyze oral language teaching activities in a textbook collection designed for the elementary school, specifically the literacy, focusing on the relationship between speech and writing. We understand that, for oral language teaching to be effectively implemented, it is necessary to have clarity regarding the teachable dimensions of this axis. Thus, it is important to examine the tools that, in daily practice, mediate teachers' pedagogical actions. One possible approach is to analyze the materials that translate curricular prescriptions into concrete activity proposals. In this context, textbooks—widely used as the main pedagogical resource by many teachers—play a central role in mediating content. Therefore, it becomes relevant to investigate how these materials address—or fail to address—the multiple dimensions of oral language teaching, including the relationship between speech and writing. Our findings indicate that, at least in the analyzed collection, informal oral use activities are still the most prioritized, to the detriment of working on other dimensions that require greater planning and intentionality. Regarding the dimension “Relationships between Speech and Writing,” few activities were found throughout the three analyzed volumes, and in many cases, these activities contributed little to the development of oral language teaching, ultimately reinforcing the dichotomy between speech and writing (Marcuschi; Dionísio, 2007; Marcuschi, 2010; Souza; Leal, 2023).

**Keywords:** Orality. Literacy. Relationships between Speech and Writing. Textbooks.

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões acerca do ensino da língua materna têm se ampliado, sobretudo no que se refere à compreensão da linguagem como prática social, dialógica e situada historicamente (Bakhtin, 1992; Marcuschi, 2008). Essa perspectiva desloca o foco do ensino tradicional centrado na norma para um olhar voltado ao uso efetivo da língua em contextos reais de interação. Dentro desse quadro, o estudo das relações entre fala e escrita adquire relevância, pois ambas constituem formas complementares

de manifestação linguística e social. Este artigo, compõe o Dossiê “Oralidade, gêneros orais e ensino: perspectivas, avanços e desafios em diálogos com Luiz Antônio Marcuschi” da Revista Tabuleiro das Letras.

Como prática social, a língua se manifesta de duas formas fundamentais: a oral e a escrita. Embora a escrita tenha sido desenvolvida posteriormente à fala, ela passou a integrar as práticas sociais dos povos nas quais penetrou. Hoje, está presente em contextos essenciais da vida cotidiana, coexis-

tindo com a oralidade e desempenhando papel central nas interações sociais (Marcuschi; Dionísio, 2007).

Em toda produção discursiva há uma imbricação entre fala e escrita, mesmo que tenhamos impressão de que estamos “apenas falando” ou “apenas escrevendo”, pois ambas são “atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais” (Marcuschi, 2010, p. 16). Acreditamos que o trabalho com a oralidade na escola pode abordar questões relacionadas às situações comunicativas, bem como às estratégias organizacionais de interação próprias de diferentes gêneros orais e seus processos de compreensão, dentre outras dimensões.

O trabalho com diferentes situações de uso da língua oral possibilita aos docentes abordarem em suas práticas elementos relacionados à esfera social de produção e de realização de diversos gêneros orais: à organização dos turnos conversacionais, à compreensão das regras de convívio social, o trato das relações entre o oral e a escrita, às variações que sofre a língua em função dos diferentes níveis de usos, bem como à reflexão sobre o que fazemos quando usamos a língua em sua forma oral. Ou seja, permite o ensino e a aprendizagem dos saberes próprios à oralidade.

A compreensão docente das dimensões ensináveis do oral favorece o estabelecimento de um processo de ensino direcionado e intencional, em que são construídas e mobilizadas estratégias didáticas essenciais ao desenvolvimento de competências comunicativas necessárias à interação dos indivíduos nos diversos contextos discursivos.

É certo que as relações entre fala e escrita não são tão claras, pois refletem o dinamismo da língua em funcionamento. Como nenhuma língua é estanque, fala e escrita

acompanham, portanto, a organização da sociedade. Por exemplo, a formalidade ou não da escrita ou da fala deve-se à situação comunicativa na qual os locutores e interlocutores estão inseridos, e “essa noção é de grande importância para perceber que tanto a fala como a escrita têm realizações estilísticas bem variadas com graus de formalidade diversos” (Marcuschi; Dionísio, 2007, p. 25).

Desse modo, a relação entre fala e escrita se dá em um *continuum* de práticas e de gêneros, de forma que algumas práticas, apesar de serem orais, são influenciadas pelo escrito e vice-versa (Marcuschi, 2010; Marcuschi; Dionísio, 2007). É preciso, portanto, compreender que os usos do oral e do escrito se complementam nas práticas de letramento e de oralidade, e que a fala e a escrita se relacionam em diferentes níveis (Marcuschi; Dionísio, 2007; Marcuschi, 2010; Fávero *et al*, 2012).

Diversos estudos têm destacado que, apesar da relevância da oralidade no desenvolvimento linguístico e cognitivo dos sujeitos, seu ensino na escola brasileira ainda enfrenta desafios — sobretudo por ter sido historicamente associado a práticas espontâneas, desvinculadas de planejamento e de sistematização (Leal; Brandão; Lima, 2012; Souza, 2015). Assim, sua presença no contexto escolar esteve, por muito tempo, limitada a práticas espontâneas ou atividades secundárias, sem planejamento pedagógico intencional. Com as orientações de documentos curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reconhecem a oralidade como objeto de ensino, cresce a necessidade de refletir sobre como ela é abordada no cotidiano escolar, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para compreender como tais orientações chegam à prática, é necessário observar os instrumentos que, no dia a dia, medeiam a ação pedagógica dos professores. Um dos caminhos possíveis é analisar os materiais que traduzem as prescrições curriculares em propostas concretas de atividades, já que são eles que, em grande medida, dão forma ao modo como os conteúdos são trabalhados em sala de aula.

Nesse contexto, os livros didáticos amplamente utilizados como principal recurso pedagógico por muitos professores, desempenham um papel central na mediação dos conteúdos. Assim, torna-se relevante analisar de que maneira esses materiais contemplam — ou não — as múltiplas dimensões do ensino da oralidade, dentre elas a relação entre fala e escrita. Assim, neste artigo, tomaremos como foco, a relação entre fala e escrita a partir de uma coleção de Livro Didático (LD) aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2019), tendo como objetivo discutir a dimensão em tela, com base na análise de atividades do livro didático selecionado.

Nossa análise foi desenvolvida a partir de um recorte temático do conteúdo (análise temática categorial) e envolveu, sob uma perspectiva qualitativa e quantitativa, as etapas indicadas por Bardin (2011): pré-análise, análise do material (codificação e categorização das informações) e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Nesse sentido, realizamos a organização e a leitura inicial dos dados, conforme proposto por Bardin (2011). Essa “leitura fluente”, como define a autora, consiste em “estabelecer contato com os documentos a analisar e conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 2011, p. 126).

Na análise da coleção didática *Ápis Língua Portuguesa*, as categorias foram construídas com base nas dimensões de ensino propostas por Leal, Brandão e Lima (2012), Souza (2015) e Souza e Leal (2023). A partir dessas dimensões/categorias, as atividades dos livros didáticos foram organizadas de acordo com suas propostas e características, e foram elaborados quadros com o quantitativo de atividades que se enquadravam em cada dimensão.

Vale destacar que uma mesma atividade pode abranger mais de uma dimensão. Essa separação tem apenas fins didáticos em nossa pesquisa, uma vez que, na prática — tanto nas atividades quanto em sala de aula —, essas dimensões se apresentam de forma fluida e inter-relacionada.

## **DIMENSÕES DO ORAL E SEU ENSINO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO**

Na vivência cotidiana, seja no ambiente familiar ou com seus pares, a criança adquire habilidades em alguns gêneros orais, como a conversação, por exemplo. Entretanto, o desenvolvimento de uma oralidade que contemple gêneros orais formais não é fruto apenas das situações comunicativas nas quais as crianças se inserem naturalmente. Sendo assim, um dos papéis da escola é desenvolver na criança a utilização da linguagem em diferentes situações de fala pública e formal, seja como falante ou como ouvinte (Leal; Brandão; Lima, 2012; Dolz; Schneuwly, 2004), e, quanto mais cedo esse trabalho começar, maiores serão as possibilidades de inserção das crianças em situações mais diversificadas de uso da fala.

Desse modo, compreendemos que a “oralidade e a escrita se apresentam, primordialmente, como ferramentas para a

inserção social. Assim, o trabalho pedagógico com a Língua Portuguesa envolve a compreensão e a produção de textos de gêneros discursivos em ambas as modalidades” (Araújo, 2015, p. 9), de forma que, ao final do ciclo de alfabetização, as crianças sejam capazes de se inserirem em diferentes situações comunicativas, nas quais possam produzir e compreender textos orais e escritos, com diferentes propósitos.

Se a oralidade está tão presente na vida cotidiana das crianças, caberia à escola incentivar a criança a fazer novas descobertas acerca dessa prática que ela usa constantemente, permitindo-a utilizar a língua oral em contextos que ainda não são familiares (debate, entrevista, exposição, notícia, propaganda, relato de experiência, dentre outros). Sendo assim, a escola pode contribuir ao ensinar certos usos mais formais e públicos da oralidade, auxiliando a criança a compreender que diferentes situações exigem uma maior ou menor monitoração da fala.

Nesse sentido, para que o trabalho com o oral possa se materializar para além da superfície da fala e/ou como suporte para produções escritas, é preciso conhecer as diferentes práticas de oralidade e as relações que elas mantêm com a escrita, além de se ter claro qual o sentido que se tem dado à oralidade na escola.

Percebemos, portanto, que a constituição da oralidade enquanto objeto de ensino exige um esclarecimento das práticas orais que são exploradas na escola, caracterizando-as em suas especificidades, de forma que sejam explorados os seus diferentes usos. Assim, a oralidade não seria utilizada apenas como meio de exploração de outros objetos de ensino, como leitura e produção de textos, por exemplo.

Nesse sentido, Leal, Brandão e Lima (2012), Leal (2022) e Souza e Leal (2023)

realizaram estudos sobre as dimensões do ensino de oralidade e as sistematizaram, contemplando as complexas relações entre oral e escrito. São elas: 1. valorização de textos orais; 2. variação linguística; 3. relações entre fala e escrita (oralização do texto escrito ou de textos memorizados, semelhanças e diferenças entre textos orais e escritos, a oralidade como apoio à produção escrita, a escrita como apoio à produção oral); 4. reflexões sobre práticas sociais do uso da oralidade e sobre gêneros orais (reflexões sobre práticas sociais do uso da oralidade e características dos gêneros orais, análise de textos orais quanto a questões linguísticas, extralinguísticas (extratextuais), paralinguísticas (prosódicas) e cinésicas (gestuais)); 5. produção e compreensão de texto orais (a escuta atenta, planejamento e produção de textos orais, avaliação da produção textual oral).

Neste artigo, tomaremos como foco a dimensão “Relações entre Fala e Escrita”, tomando como base a sistematização realizada por Souza e Leal (2023 e 2024): oralização do texto escrito ou memorizados; reflexões sobre semelhanças e diferenças entre textos orais e escritos; oralidade como apoio à produção escrita e escrita como apoio à produção oral.

Diante do exposto até aqui, compreendemos que para que o ensino de oralidade seja efetivado, é necessário ter clareza em relação as dimensões ensináveis desse eixo: quais práticas orais devem ser exploradas na escola? Quais suas especificidades? Como esse ensino deve ocorrer? É importante que haja uma definição de qual oral deve ser ensinado. Sendo assim, é preciso conhecer o que as diretrizes oficiais apontam em relação a esse ensino para os anos iniciais do ensino fundamental.

Nos PCN, o estabelecimento desses eixos partem do pressuposto de que a língua

se realiza nos usos, ou seja, nas práticas sociais, que têm como resultados textos orais e escritos, que se desdobram em atividades de fala e escrita, leitura e escuta, estando assim relacionados a quatro habilidades linguísticas: falar, escutar, ler e escrever, e “disso decorre que os conteúdos de Língua Portuguesa no ensino fundamental devam ser selecionados em função do desenvolvimento dessas habilidades e organizados em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita e a análise e reflexão sobre a língua” (Brasil, 1997, p. 35). Já a BNCC se estrutura em quatro eixos organizadores, para atender à multiplicidade de modalidade e usos da nossa língua, sendo eles: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. No referido documento, esses eixos são chamados de “práticas de linguagem”.

Levando em conta que a capacidade de uso da língua oral que as crianças possuem ao chegar na escola foram adquiridas em ambiente privado através de contextos informais, coloquiais e familiares, os PCN chamam a atenção para a necessidade de um ensino de oralidade planejado, que aborde atividades de fala, escuta e reflexão sobre a língua, pois, ao “considerar objeto de ensino escolar a língua que elas já falam requer, portanto, a explicitação do que se deve ensinar e de como fazê-lo” (Brasil, 1997, p. 38). Para o documento, é fundamental que as crianças transitem das situações mais informais e coloquiais que já dominam ao entrar na escola a outras mais estruturadas e formais, para que possam conhecer seus modos de funcionamento e aprender a utilizá-las.

A BNCC apresenta competências e habilidades que o aluno deve desenvolver ao longo de toda a Educação Básica. O referido documento determina um conjunto de

dez competências gerais que sumarizam os direitos de aprendizagem e de desenvolvimento dos estudantes. Essas competências podem ser trabalhadas ao longo de toda a Educação Básica e compreendem todas as dimensões do indivíduo, que de acordo com o documento são as dimensões cognitiva, física, social, emocional e cultural.

Apesar de não mencionar explicitamente as dimensões de ensino do oral tecidas por Leal (2022), podemos perceber algumas semelhanças com a proposta discutida pela autora, principalmente no que se refere à abordagem de produção e compreensão de gêneros orais e as relações entre fala e escrita; no entanto, a BNCC não traz aprofundamento ou ampliação em relação ao que já se debatia sobre o ensino de oralidade; Apesar de estar alinhada ao debate dos PCN, a discussão sobre o oral na BNCC é tímida, superficial e não avança em relação ao documento anterior. Ao tratar da oralidade especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental, a BNCC destaca que nessa etapa de ensino aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais.

Após a análise e discussão dos dois documentos (PCN e BNCC), podemos definir que o ensino de oralidade nos anos iniciais do ensino fundamental, deve, dentre outras habilidades, desenvolver nas crianças: o uso da língua falada em diferentes situações (questionando, sugerindo, argumentando e respeitando os turnos de fala), buscando utilizar a variedade linguística adequada a cada situação; a escuta atenta e compreensiva de textos orais de diferentes gêneros, principalmente os mais formais e comuns à situações públicas; a valorização de textos da tradição oral; o respeito à diversidade linguística, valorizando a diversidade regio-

nal, social, de faixa etária, de gênero, etc.; a compreensão das relações entre fala e escrita; o planejamento da fala em situações públicas (exposição oral, debate, contação de histórias); e, a produção de gêneros orais com diferentes propósitos.

Compreendemos que um dos objetivos do Ciclo de Alfabetização é a apropriação do sistema de escrita alfabética, contemplando a compreensão dos princípios do funcionamento do sistema e o domínio das correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro convencional, simultaneamente à aprendizagem da leitura e da produção de textos. Essa compreensão não deve, no entanto, minimizar a importância do trabalho com os diferentes eixos de ensino nessa fase da escolarização, dentre eles o da oralidade. Pelo contrário, o trabalho com oralidade, além de contribuir no desenvolvimento da língua oral em si, pode contribuir no trabalho com a leitura e a escrita, já que existe uma inter-relação entre essas duas modalidades.

Sendo assim, as relações entre fala e escrita, oralidade e letramento podem ser trabalhadas já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em meio à meta de ler e escrever com autonomia, pois não há, como já citado anteriormente, separação entre oral e escrito, e sim uma imbricação. O professor alfabetizador desempenha um papel de mediador ao trabalhar com a oralidade, levando seus aprendizes a desenvolverem diferentes habilidades que os auxiliem a atenderem o que o contexto comunicativo exige deles.

Considerando a importância dessa mediação, compreendemos que muitos professores precisam de suportes didáticos pedagógicos aos quais possam recorrer para desenvolverem suas práticas de ensino do oral. Dentre os materiais didáticos que po-

dem oferecer tal suporte aos professores, o livro didático é o mais utilizado, é aquele que mais tem influência no trabalho em sala de aula. Por isso, consideramos relevante discutir qual o espaço para o ensino de oralidade tem sido reservado nesse material e quais as possibilidades de uso do livro didático para esse ensino nas salas de aula do Ciclo de Alfabetização, com foco na dimensão “Relações entre Fala e Escrita”.

## **RELAÇÕES ENTRE FALA E ESCRITA EM COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS DE ALFABETIZAÇÃO**

Para atender ao objetivo deste trabalho, analisamos os exemplares de 1º ao 3º ano de uma coleção de livros didáticos (LD) aprovados pelo PNLD 2019, identificando as atividades de ensino de oralidade de acordo com seus objetivos e dimensões de ensino do oral. A coleção se organiza em cinco volumes. De acordo com suas autoras os dois primeiros volumes enfatizam a inserção do aluno em práticas sociais letradas de forma mais lúdica e participativa, o terceiro volume, aumenta o grau de complexidade desses processos iniciados nos volumes anteriores, preparando-os para o quarto e quinto volume que intensifica os exercícios das habilidades de leitura e de escrita, bem como a reflexão sobre fatos linguísticos mais complexos.

Analisamos apenas os 3 primeiros volumes da coleção, destinados às turmas de Alfabetização. Os volumes se organizam por unidades, cada uma dessas unidades representa uma sequência didática estruturada em torno de um gênero textual que servirá de base para as atividades apresentadas. O quadro 6 apresenta a organização da coleção em relação ao número de unidades por volume:

**Quadro 1** – Ápis Língua Portuguesa – Unidades

ANO	1º ano	2º ano	3º ano
UNIDADES	22 unidades	12 unidades	12 unidades

**Fonte:** Coleção Ápis Língua Portuguesa (TRINCONI; BERTIN; MARCHEZI, 2017).

De acordo com as autoras da coleção os volumes não foram organizados com um mesmo número de unidades, devido a alguns fatores, como por exemplo, a especificidade do trabalho com a alfabetização e letramento nos dois primeiros anos; o aumento gradual da capacidade dos alunos no desenvolvimento das atividades; e, o aumento gradativo do tamanho e da complexidade dos textos (TRINCONI; BERTIN; MARCHEZI,

2017). Em cada unidade de cada volume da coleção são indicadas, no Manual do Professor, as principais habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que serão desenvolvidas. Essas unidades são organizadas por seções que atendem aos diferentes eixos de ensino

As atividades voltadas para o ensino das relações entre fala e escrita têm como foco, para além das semelhanças e diferenças entre textos orais e escritos, o trabalho com a oralização do texto escrito, a oralidade como apoio à produção escrita e a escrita como apoio à produção oral. O quadro 1 traz os conjuntos de atividades encontradas na coleção de LD que contemplam essa dimensão.

**Quadro 2** – Atividades de Relações entre Fala e Escrita

ATIVIDADES	1º ano	2º ano	3º ano	TOTAL
Oralização da Escrita	5	10	15	30
Identificação de diferenças e semelhanças entre fala e escrita		1	4	5
Oralidade como apoio à produção escrita	1	2	1	4
Escrita como apoio à produção oral	3	1	3	7
TOTAL	9	14	23	46

**Fonte:** as autoras

Leal, Brandão e Lima (2012) apontam que a oralização dos textos escritos se situa na intersecção entre a oralidade e a leitura, pois a fluência em leitura, para as referidas autoras, envolve habilidades de comunicação oral. Na coleção “Ápis Língua Portuguesa”, esse tipo de atividade é a mais recorrente na dimensão “Relações entre Fala e Escrita”. Identificamos o trabalho com a oralização de textos sob três modos: a leitura em voz alta (que no manual do professor aparece no eixo Leitura), a leitura dramatizada (que em algumas atividades precede a

Dramatização, como um ensaio) e a leitura jogralizada.

Apesar de o manual do professor mencionar a leitura em voz alta no eixo Leitura, consideramos aqui algumas atividades de “leitura em voz alta” no eixo oralidade, pois identificamos nessas atividades a mobilização de recursos próprios do oral, como aspectos relacionados à altura da voz, velocidade e gerenciamento de pausas nas apresentações, assim como aspectos da retórica, da gestualidade e da cinestesia (Dolz; Schneuwly, 2004), envolvendo a tomada de consciência no que

se refere à importância da voz, do olhar, da atitude corporal, dentre outros aspectos, em função de um determinado gênero ou evento comunicativo. Tais atividades estão ilustradas nos exemplos a seguir.

### **Exemplo 1**

#### **Prática de Oralidade**

##### Leitura Dramatizada

Agora é a sua vez de representar as ações e as falas de cada um dos personagens: Maluquinho, Junim, Julieta e Carol.

1. Forme um grupo com mais 3 colegas para ensaiar.
2. Capriche no tom de voz da fala do personagem que você vai representar e não se esqueça dos gestos e da expressão facial que devem acompanhá-la. A professora vai chamar cada um dos grupos para dramatizar a história.
3. Ouçam com atenção a dramatização dos grupos. Em seguida, conversem sobre que pode ser melhorado em cada uma das apresentações para que a história possa ser bem compreendida pelo espectador.
4. Também é possível apresentar a dramatização para outros colegas da escola.

(2º ano, p. 98)

### **Exemplo 2**

#### **Prática de Oralidade**

##### Jogral

- Em grupo. A história em versos fica mais expressiva quando lida em voz alta, pois, assim como nos poemas, ela tem ritmo, rimas e sonoridades.

Vamos fazer um jogral! Para isso, sigam as orientações da professora.

1. Vocês deverão preparar a leitura do texto “Orquestra”

2. A turma deverá ser dividida em seis grupos
3. A professora dirigirá o ensaio, combinando as vozes e dando mais instruções
4. Depois de bem ensaiados, vocês poderão combinar uma data com a professora e fazer uma apresentação para outras turmas.

(3º ano, p. 37)

As atividades que envolvem oralização de textos escritos contribuem para que as crianças lancem mão de recursos expressivos importantes como por exemplo, controlar tom de voz e ritmo ou ainda usar gesticulações e expressões faciais para causar diferentes efeitos no público. O exemplo 1 traz uma atividade que compõe a unidade 5 do livro do 2º ano, onde se trabalha o gênero “História em Quadrinho”. Na atividade é solicitado que as crianças realizem a leitura dramatizada da História em Quadrinho disposta no início da unidade: o Menino Maluquinho, de Ziraldo.

A leitura dramatizada em sala de aula contribui com a prática de contar e ouvir histórias, bem como com o desenvolvimento das habilidades de ouvir com atenção e compreensão, além de aperfeiçoar a leitura fluente. Esta atividade pode contribuir de maneira significativa com o desenvolvimento de habilidades não linguísticas da fala como gestos e expressão facial, além de enfatizar a importância de controle do tom de voz e da velocidade da fala. Acreditamos que as atividades prosódicas, como a leitura dramatizada, sejam práticas pedagógicas possíveis para o trabalho com a oralidade.

No exemplo 2, a proposta de trabalho é com o “Jogral”; esta atividade se encontra na unidade 2 do livro do 3º ano, onde o gênero

textual trabalhado é a “História em Verso”. De acordo com o manual do professor, o jogral é a “leitura expressiva de textos, principalmente literários, em que se alternam vozes declamando, cantando, falando. Pode ter partes individuais e partes coletivas” (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2017, p. 37). A sugestão para a professora é de que as crianças exercitem a leitura expressiva com atribuição de sentidos, fluência em leitura oral, articulação de palavras e postura de apresentação em público; esses são aspectos relevantes no trabalho com oralidade e que podem ser desenvolvidos através do trabalho com o jogral. A importância do jogral enquanto meio de transmissão cultural, entre comunidades e entre gerações, também deve ser enfatizada.

No conjunto de atividades destinadas à identificação de semelhanças e diferenças entre fala e escrita, encontramos poucas atividades (5 no total), a partir do livro do 2º ano. Nenhuma dessas atividades está localizada na seção “Prática de Oralidade” e sim em seções destinadas ao trabalho sobre a língua e estudos gramaticais, como por exemplo, a seção “Língua: usos e reflexão”, que tem como objetivo instrumentalizar o aluno para a escrita de textos com emprego e adequação de elementos coesivos e relações de concordância básicas que contribuam para o desenvolvimento da coerência e unidades textuais, bem como conhecer variedades de linguagem que são mais adequadas a determinadas situações: formais, informais, familiares (Trinconi; Bertin; Marchezi, 2017). Observe o exemplo abaixo:

### **Exemplo 3**

#### **Interpretação do Texto**

12. Esse conto popular traz palavras e expressões que revelam marcas da língua

falada, isto é, linguagem do dia a dia, mais informal.

Copie do texto um exemplo de:

- a. Palavra formada pela junção de dois sons em um só
  - b. Palavra que imita um som (onomatopeia)
  - c. repetição
- (3º ano, p. 143)

A atividade apresentada no exemplo 3 tem como objetivo trabalhar a junção e redução de palavras, assunto explorado na unidade 4 do livro do 3º ano e retomado nas atividades em tela da unidade 7. Nesta unidade é trabalhado o gênero textual “Conto Popular”. A atividade inicia seu enunciado afirmando que o texto lido na unidade 7, o conto “O sapo com medo d’água”, de Luiz da Câmara Cascudo, “traz palavras e expressões que revelam marcas da língua falada, isto é, linguagem do dia a dia, mais informal” (a saber: n’água, t’xim bum, d’água); ao trazer essa afirmação, a atividade acaba colocando fala e escrita em posições dicotômicas, em que a fala seria vista como de estrutura simples e informal, ao passo que a escrita seria complexa e formal. Esse tipo de atividade pode nos indicar que na obra em tela algumas atividades ainda apresentam uma concepção de ensino do oral focada na oposição entre oralidade e escrita.

Um conjunto de atividades que também pode contribuir com a exploração das relações entre fala e escrita é composto por aquelas situações em que a oralidade aparece como apoio à produção escrita e/ou a escrita aparece como apoio à produção oral. Tais atividades revelam a imbricação entre essas duas formas da língua e o quanto elas se relacionam de modos distintos a depender de cada situação, como podemos ver no exemplo que segue.

#### **Exemplo 4**

##### Prática de Oralidade

Relato Oral: Eu nunca vou me esquecer daquele dia!

- Você já passou por uma situação que o marcou tanto que está sempre em sua memória? Foi uma situação de medo, de surpresa, de alegria ou de tristeza? Aguarde a orientação da professora e, quando chegar sua vez, faça o relato do que você viveu para seus colegas.

##### **Produção de Texto**

Relato Pessoal: do relato oral ao relato escrito

1. Você fez para seus colegas o relato oral de um fato que você viveu. Agora, com a ajuda da professora, você vai registrar por escrito o que você relatou.

##### **Preparação**

1. Relembre o fato que você relatou
2. Não se esqueça de responder a todas as questões no texto
  - O que aconteceu?
  - Quando aconteceu?
  - Quem estava presente no acontecimento?
  - Onde aconteceu

##### **Escrita**

1. Se tiver dificuldade para escrever, peça ajuda a um colega ou à professora.
2. Não se esqueça de usar sinais de pontuação no final das frases (lembre-se da entonação da voz)
3. Utilize letra maiúscula no início de frases e no início de nomes de pessoas. Se tiver dúvida, pergunte a professora onde você precisará incluir parágrafo. Se quiser, faça um desenho para ilustrar seu texto

#### **Revisão e Reescrita**

1. Depois de pronto, faça a releitura com a professora ou com um colega.
2. Reescreva as palavras ou frases, se for necessário

##### **Edição**

Você e seus colegas vão reunir os relatos que fizeram em um livro intitulado **um dia que não vou me esquecer**. Se preferirem, escolham outro título, decidido por toda a turma. Para organizar o livro, será necessário fazer a edição.

1. Se puderem, digitem os textos. Vocês podem pedir ajuda.
2. Depois de prontos os textos, criem uma capa e vejam a maneira de reunir todo o material em um só livro. Para isso, peçam a ajuda da professora para grampear, costurar ou espiralar as folhas.
3. Levem o livro para casa e leiam para seus familiares e amigos que gostem de emoções

Escolha relatos de que tenha gostado, inclusive o seu, e prepare a leitura em voz alta, de forma bem expressiva para que outras pessoas possam apreciar melhor essa produção.

(2º ano, p. 160-161 – grifo do autor)

No exemplo 4 encontramos uma atividade em que a oralidade aparece como apoio à produção escrita; ela está localizada na unidade 8 do livro do 2º ano, onde o gênero textual trabalhado é o “Relato Pessoal”. A atividade se inicia na seção “Prática de Oralidade” e tem sequência na seção “Produção de Texto”; de início é solicitado que as crianças relatem oralmente uma situação que as marcou. De acordo com o manual do professor, o relato oral é um gênero comum do dia a dia das pessoas e uma de suas características pode ser a informalidade da linguagem

empregada, já que se trata de um texto espontâneo e pessoal. Esse tipo de atividade contribui para que a criança desenvolva a habilidade de se expressar oralmente com autoconfiança (sem medo de falar em público), liberdade e desenvoltura, preocupando-se em ser compreendida por seus colegas, que serão seus interlocutores, além de possibilitar que elas identifiquem as finalidades de uma interação oral ao relatar uma experiência vivida.

Seguindo com a atividade, na seção “Produção de Texto”, é proposto que as crianças retextualizem seu relato oral, passando-o para o escrito. Desse modo, os alunos precisarão refletir sobre escolhas de linguagem, organização, estrutura, tema e assunto do texto para que ele atenda às características de um relato escrito, que será publicado em livro e lido por outras pessoas. Esse é o momento em que a professora pode explorar as especificidades do relato oral e do relato escrito, suas semelhanças e diferenças. Algo que chama atenção ao observamos essa atividade é a importância da mediação docente, pois o que de fato irá garantir a aprendizagem das crianças é a forma como cada professor ou professora conduzirá aquela atividade.

As atividades desta dimensão devem explorar o *continuum* existente entre fala e escrita, em que ambas se relacionam em diferentes níveis. Além de explicitar para as crianças que “não existe ‘o oral’, mas ‘os orais’ em múltiplas formas, que, por outro lado, entram em contato com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender” (Schneuwly, 2004, p. 114). Sendo assim, é importante que as crianças compreendam que fala e escrita apresentam diferentes níveis de formalidade, a depender das situações de comunicação nas quais estamos inseridos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar atividades de ensino de oralidade em coleção didática destinada aos anos iniciais do ensino fundamental, mais precisamente ao Ciclo de Alfabetização, tomando como foco a dimensão “Relações entre Fala e Escrita”. De modo geral, no que concerne à identificação de atividades voltadas para o ensino de oralidade, os resultados que obtivemos nos revelam um trabalho que toma como foco as situações de conversa informal sobre temas diversos com o intuito de desenvolver nos alunos habilidades referentes à constituição de sua identidade psicossocial, valores, atitudes e comportamentos.

Encontramos na coleção algumas atividades que promovem situações de aprendizagem em relação a regras de convivência em sala de aula (escutar com atenção e compreensão instruções orais, respeitar acordos e combinados que organizam a convivência em sala de aula, etc.), características da conversa espontânea (respeito aos turnos de fala, escuta atenta, uso de fórmulas de cortesia: por favor, obrigado, com licença, dentre outros), identificação de aspectos não linguísticos (paralinguísticos) e trabalho com gêneros orais (exposição oral, instruções, reconto de histórias, entre outros); porém essas atividades ainda aparecem de modo muito irregular se comparadas a atividades de outros eixos.

No que se refere a dimensão “Relações entre Fala e Escrita”, foram encontradas poucas atividades ao longo dos três volumes analisados, e essas atividades em muitas situações pouco contribuem para o desenvolvimento do ensino de oralidade e acabam por reforçar a dicotomização entre fala e escrita. O que podemos concluir através desses resultados é que ainda é comum,

pelo menos na coleção em tela, que as atividades de uso do oral informal sejam aquelas mais priorizadas, em detrimento do trabalho com outras dimensões que exijam maior planejamento e intencionalidade.

Acreditamos que a discussão sobre o ensino de oralidade deve se fazer presente desde os cursos de formação inicial e continuada dos docentes. É preciso que professoras e professores tenham clareza do que é o oral e seu ensino, para que possam conduzir uma abordagem de ensino efetiva em relação a esse eixo e às suas especificidades.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Liane Castro de. Inter-relações entre oralidade e escrita no componente curricular língua portuguesa. In: BRASIL. Secretaria de educação básica. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. **A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno nº 05**. Brasília; MEC, SEB, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL/MEC. **Guia de livros didáticos 2019: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2018.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lucia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- LEAL, Telma Ferraz. Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola: o oral em documentos curriculares, livros didáticos e na prática docente. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v.26, p.26 - 51, 2022.
- LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; LIMA, Juliana de Melo. A oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos?. In: LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (orgs). **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane. **A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; Oralidade e letramento como práticas sociais. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (orgs). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (orgs). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- SOUZA, Julia Teixeira, LEAL, Telma Ferraz. A abordagem das relações entre fala e escrita nas práticas de duas professoras da rede municipal do Recife. *Calidoscópico*, v.22, n.1, p. 87-110, jan./jun. 2024.
- SOUZA, Julia Teixeira, LEAL, Telma Ferraz. Análise de documentos curriculares de Pernambu-

co e oralidade nos anos iniciais do ensino fundamental. Revista ENTRELETRAS (Araguaína), v.14, n.1, p. 213-239, jan./abr. 2023.

TRINCONI, Ana. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Ápis Língua Portuguesa**, 1º ano: Ensino Fundamental, anos iniciais. 3 ed. São Paulo, Ática: 2017.

TRINCONI, Ana. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Ápis Língua Portuguesa**, 2º ano: Ensino

Fundamental, anos iniciais. 3 ed. São Paulo, Ática: 2017.

TRINCONI, Ana. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Ápis Língua Portuguesa**, 3º ano: Ensino Fundamental, anos iniciais. 3 ed. São Paulo, Ática: 2017.

*Recebido em: 27/08/2025*

*Aprovado em: 17/12/2025*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.